

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

JÓIAS ÁUREAS PROTO-HISTÓRICAS DA CITÂNIA DE BRITEIROS.

CARDOSO, Mário

Ano: 1938 | Número: 48

Como citar este documento:

CARDOSO, Mário, Jóias áureas proto-históricas da Citânia de Briteiros. *Revista de Guimarães*, 48 (1-3) Jan.-Set. 1938, p. 35-42.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Jóias áureas proto-históricas da Citânia de Briteiros (*)

O modesto opúsculo respeitante à joalheria arcaica portuguesa, que no ano de 1930 publicámos, em separata da Revista compostelana de Cultura galega, «Nós» (1), parece ter despertado a estudiosos competentes, portugueses e galegos, a atenção e o interesse pelo assunto ali versado. Desde então, publicaram-se alguns trabalhos de excepcional relêvo (2), entre os quais três valiosas monografias de conjunto — uma sobre *lúnulas*, outra relativas a *torques*, e a terceira abrangendo o estudo de diversas jóias prè-romanas (3).

E' evidente que a análise da nossa ourivesaria primitiva, particularmente a do Norte de Portugal, não pode isolar-se do estudo comparativo da opulenta joalheria espanhola, em especial a do Noroeste da Península, pois as modalidades que se observam entre os exemplares de além e de aquém Minho, não conseguem ocultar a origem comum, a proveniência dos

(*) Artigo reproduzido da Revista «*Petrus Nonius*», vol. I-fasc. III, Lisboa, 1937, com autorização do seu ilustre Director, Ex.^{mo} Sr. Dr. Arlindo Camilo Monteiro.

(1) *Jóias arcaicas encontradas em Portugal*, Corunha, 1930.

(2) Por ex., E. Jalhay, *O tesoiro de Alamo* (Moura, Alentejo), in «*Brotéria*», Lisboa, 1931, vol. XII, fasc. I; F. Bouza-Brey, *O brazalete posthallstático de Toén*, in «*Boletín de la Universidad de Santiago*», número dedicado ao Prof. Rodriguez Cadarso, Santiago, 1933, t. I, pág. 441.

(3) F. L. Cuevillas, *Nota encol das lúnulas atopadas na Galiza*, e *Os torques do Noroeste hispanico*, in «*Arquivos do Seminário de Estudos Galegos*», Compostela, 1932, vol. IV, pág. 133 e ss. e 97 e ss.; Manuel Heleno, *Jóias prè-romanas*, in «*Ethnos*», Lisboa, 1935, vol. I, pág. 229 e ss.

mesmos protótipos, facto que aliás era de esperar, tratando-se de produções industriais e artísticas de povos cujas afinidades culturais e étnicas, no passado como no presente, são manifestas.

Em 1930, não nos foi dado estudar e catalogar várias peças do Tesouro do Museu Etnológico, que desejaríamos figurassem no inventário, quanto possível completo, que então demos dos curiosíssimos exemplares da ourivesaria indígena prè-romana e lusitano-romana ⁽⁴⁾, pelo motivo ponderoso e absolutamente respeitável de que o Sr. Prof. Leite de Vasconcelos ia iniciar (ou trazia já entre mãos...) igual trabalho, relativamente a essas jóias inéditas daquele Museu. Pena é que, ainda hoje, continuemos esperando o desejado estudo do infatigável e douto investigador, ocupado, em boa verdade, com numerosas publicações de não menor interêsse e importância ⁽⁵⁾.

Meses decorridos após o aparecimento do nosso elementar opúsculo, que teve uma tiragem deminuta, e, por conseqüência, expansão muito limitada, pretendemos levar a cabo nova edição, mais completa e perfeita, incitados por alguns estudiosos portugueses e estrangeiros que leram a modesta brochura e apreciaram essa tentativa de sistematização arqueológica da nossa joalharia arcaica; entre êles, seja-nos lícito destacar o grande iberólogo alemão Dr. Adolfo Schulten, Prof. catedrático da Universidade de Erlangen. Dizia-nos em carta êste erudito que um álbum, largamente documentado com nítidas fotografuras de

(4) O estudo das peças, em metais nobres, da nossa joalharia primitiva, posteriores ao período lusitano-romano, da época visigótica, por ex., pequeno interêsse tem despertado entre nós, devido à insignificância e raridade dos achados. Outro tanto não tem sucedido em Espanha, onde essas descobertas são freqüentes e, por vezes, verdadeiramente notáveis, como a das sumptuosas coroas de ouro e pedrarias do maravilhoso tesouro de Guarrazar, aparecido em 1858, perto de Toledo.

(5) Na Revista «Ethnos» (Número citado, publicado no corrente ano, pág. 232, nota 30), o Sr. Dr. Manuel Heleno, actual Director do Museu Etnológico, declara abster-se, por natural melindre, de publicar o estudo das jóias que foram pessoalmente adquiridas pelo Sr. Dr. Leite de Vasconcelos.

tôdas as jóias arcaicas recolhidas em Portugal, seria obra do maior interêsse para a arte e para a sciência, e teria, por certo, um vivo acolhimento nos meios culturais estrangeiros. Igual opinião exprimiu Salomão Reinach. Projectávamos realizar êste plano em moldes idênticos aos de outras obras da mesma índole, à semelhança, por exemplo, do magnífico volume organizado por P. M. de Artiñano — *Catalogo de la Exposición de Orfebreria civil española* (Madrid, 1925). Dirigimo-nos, para êsse fim, ao notável gravador português, Sr. Marques Abreu, a quem actualmente se deve a mais vasta e perfeita documentação pela imagem das nossas preciosidades artísticas, monumentais e architectónicas; o arrojado editor da *Arte Românica em Portugal*, e de tantas outras publicações de vulto e carácter puramente artístico, não quis, porém, abalancar-se às contingências e despesas da interessante edição que lhe propúnhamos, aliás sob a nossa incondicional e gratuita orientação literária e científica. Assim estiolam as melhores intenções, neste País onde os trabalhos gráficos de responsabilidade atingem preços incomportáveis para a bôlsa de quem estuda, e onde o interêsse pelas obras de Cultura não compensa sacrifícios, porque é singularmente limitado e restrito.

Apesar destas dificuldades, sempre que, mercê de um feliz acaso, uma nova peça da nossa remota ourivesaria surge do seio da terra, onde jazia inumada há muitos séculos, cada vez se nos radica mais profundamente o convencimento de que a obra de conjunto que um dia sonhámos realizar se impõe absolutamente, levada a cabo por quem disponha de maior competência científica do que a nossa, e de maiores possibilidades materiais do que aquelas que encontramos. Há pouco ainda, atraíu a nossa atenção o aparecimento do magnífico tesouro do Souto-Escuro, na encosta do monte da Penha (Guimarães) voltada ao poente: das cinco valiosas peças que o constituíam salvou-se apenas uma, hoje arrecadada, felizmente, num Museu nacional ⁽⁶⁾; as outras sumiram-se na

(6) Vidê Revista «Ethnos», Número citado, pág. 252 a 254.

voragem da ignorância, da cobiça e da negligência, intimamente aliadas (7).

Presentemente, uma nova descoberta nos despertou o mais vivo interesse; esta, por felicidade, teve lugar em condições de completa segurança, porque o achado veio parar logo às nossas mãos, ficando assim defendido da rapina e da ganância comercial. Dêe nos vamos ocupar nesta breve comunicação.

Deu-se a descoberta na grandiosa Citânia de Briteiros, onde, com as pequenas dotações que a Direcção dos Monumentos Nacionais tem concedido à Sociedade Martins Sarmento, vimos dirigindo, há alguns anos a esta parte, as obras de conservação das ruínas, restauros e novas escavações.

No mês de Setembro passado, trazíamos ali um grupo de jornaleiras procedendo à limpeza do tojo e da torga que vicejam e renascem, teimosamente, por entre as construções, numa invasão daninha que tudo esconde em pouco tempo, se com frequência não fôr combatida. Uma dessas camponesas, a Gracinda Águeda, de Briteiros, teve a boa fortuna de encontrar, no dia 8 do aludido mês, quando livrava de mato o interior de uma das pequenas habitações quadrangulares do povoado, num dos ângulos do pavimento, e quasi à flor da terra (8), um pequeno vaso de barro contendo um formosíssimo par de brincos ou arrecadas (9) de ouro, sem dúvida das mais belas e originais que até hoje têm aparecido em Portugal (10).

(7) Vidê «Rev. de Guimarães», Guimarães, 1937, vol. XLVII, pág. 89 e ss.

(8) Sem dúvida a profundidade a que o vaso foi primitivamente enterrado era superior àquela em que foi encontrado. A limpeza frequente do mato no interior das casas, provocando perdas sucessivas da terra, retirada pouco a pouco dos pavimentos, diminuiu a espessura da camada que inicialmente cobria as jóias escondidas.

(9) Sôbre a origem e variantes da designação «arrecadas», vidê Viterbo, *Elucidário das palavras*, s. v. «arrancanes», e Bluteau, *Vocabulário Português e Latino*, s. v. «alcarradas». Vidê também Leite de Vasconcelos, *Opúsculos*, II, 95.

(10) As arrecadas proto-históricas que conhecemos são: a de Afife (no Museu Etnológico) e as de Estela e Laundos (no Museu Municipal do Pôrto), tôdas do mesmo tipo, muito singelo (vidê «Portugalia», Pôrto, 1905-908, vol. II, pág. 406, 605 e 403); uma

Fixemos já esta coincidência bem curiosa: o achado deu-se em circunstâncias perfeitamente idênticas às que se verificaram com as conhecidas arrecadas



Fig. 1 — Uma das arrecadas da Citânia de Briteiros, vista de frente e perfil

de Laundos (Póvoa de Varzim) ⁽¹⁾, isto é — no interior de uma habitação castreja, e as jóias contidas num

outra, semelhante, adquirida no Pôrto pelo Sr. Dr. Leite de Vasconcelos (vidê «Portugalia», vol. cit., pág. 406; *Religiões da Lusitania*, III, pág. 431, fig. 219, e pág. 435, nota 3); outra, mais rica e formosa, reproduzida pelo Sr. Dr. Mendes Correia, a pág. 190 do vol. I da *História de Portugal* (Ed. de Barcelos); ainda três, citadas pelo Sr. Prof. L. de Vasconcelos e por este adquiridas nos concelhos de Evora e Estremoz (vidê «O Arqueólogo Port.», XXVIII, pág. 181-183); finalmente, as que o Sr. Dr. Manuel Heleno publicou na Revista «Eihnos» (I, 254), provenientes do Outeiro de Cabeça (Tôres Vedras), e que, ajuizando pelas fotografias, se parecem com os pendentos ornamentais de xorcas de bronze, provenientes de Cendufe, Santa Olaia, Crasto, Condeixa, Alter, Mértola, Lagoa (Algarve) e Briteiros, aos quais o Sr. Prof. Leite de Vasconcelos faz referências n-«O Archeologo Português» (XXIV, 100, nota 1 e fig. 1, e XXVIII, 177), e se vêem também na «Portugalia» (vol. cit., pág. 328 e Est. XX-n.º 50, e pág. 504, Est. XXXIV-n.º 362, 63, 64).

(1) Vidê «Portugalia» cit., pág. 404, fig. 1.

vaso de forma quási igual à do aparecido naquele Castro.

Infelizmente, o golpe desprevenido da enxada pôs em estilhas o curioso vasinho, que aliás conseguimos reconstituír em parte, com os fragmentos reco-

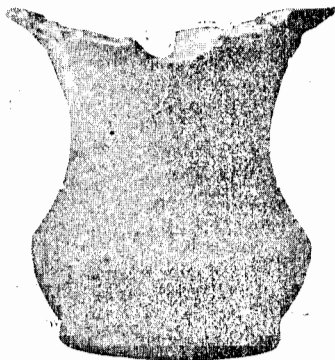


Fig. 2 — Vaso que continha as arrecadas

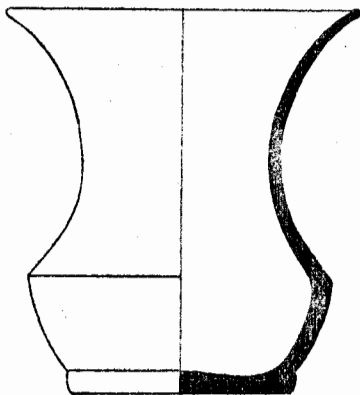


Fig. 3 — Perfil do vaso (Esc. 1:2)

lhidos (Fig. 2), e partiu em quatro bocados uma das arrecadas; a outra ficou intacta (Fig. 1).

O vaso, que apresenta gravados na face externa do fundo dois traços em cruz (marca de posse?), é um pequeno púcaro (*poculum*) de perfil campanular (Fig. 3), trabalhado ao tórno, sem qualquer ornamen-

tação, do mesmo tipo de um outro que Martins Sarmiento recolheu, quasi perfeito, nas escavações realizadas em 1877 ⁽¹²⁾, e de mais dois, fragmentados, aparecidos posteriormente. Todos êles se conservam expostos nos mostruários do Museu da Sociedade Martins Sarmiento. Minuciosas escavações feitas, logo em seguida ao achado, no pavimento térreo da habitação, que está situada junto ao cruzamento das duas vias principais da Citânia, nada mais produziram digno de menção.

As arrecadas, de ouro muito puro, quasi sem liga, em delicada filigrana, ostentam um trabalho ornamental e uma técnica semelhante à que se observa no botão terminal de um formoso torques aparecido, em Agosto de 1930, na Citânia de Santa Tecla (Galiza), e exposto actualmente no Museu de La Guardia ⁽¹³⁾. Têm a mesma decoração, em duas ordens de *postes* simétricos, os mesmos cordões constituídos por pequeninas contas, e até o mesmo finíssimo granitado (processo desconhecido dos filigraneiros actuais) a servir de fundo aos *postes*. Estas analogias flagrantes projectam bastante luz sobre a área de expansão, a remota antiguidade ⁽¹⁴⁾, as tradições e a admirável persistência da indústria das filigranas, tão profundamente característica da região minhota luso-galaica.

Desnecessário se torna descer a grandes minúcias de descrição morfológica das arrecadas da Citânia, pois a fotografatura da que foi salva intacta (frente e perfil), e que juntamos a esta singela notícia, é, apesar de ligeiramente mais pequena do que o original, suficientemente elucidativa em todos os seus detalhes.

Relativamente ao pêsso, a peça que está completa acusa 9,6 gr., e a fracturada 8,8 gr., diferença esta de 0,8 gr. para menos que podemos atribuir a terem-se talvez perdido na terra movida quaisquer

⁽¹²⁾ Vidè «Revista de Guimarães», vol. XXII, pág. 22, 23.

⁽¹³⁾ Vidè no periódico de Vigo «El Pueblo Gallego», pág. 10 do número de 6 de Agosto de 1930, o artigo *Excavaciones en Galicia — Un hallazgo sensacional*, acompanhado da reprodução, sob três aspectos, do remate do torques.

⁽¹⁴⁾ Vidè Rocha Peixoto, *As filigranas*, in «Portugalia», vol. cit, pág. 542, 43.

deminutos fragmentos de ouro, se é que os dois brincos tinham exactamente o mesmo pêsso, o que aliás parece pouco provável.

Digno de observação é o processo de suspensão destas arrecadas, que apresentam duas hastes gradualmente adelgadas e recurvas, para traspassarem, em sentidos opostos, o orifício praticado no lóbulo da orelha; essas hastes não têm comprimento suficiente para abraçar a parte superior do pavilhão, como as de Laundos, Estela e Afife, as quais, por meio de uma fina corrente, eram suspensas dêsse modo ⁽¹³⁾.

Objecto de ouro, na Citânia de Briteiros, apenas havia aparecido, em 22 de Agosto de 1876 ⁽¹⁴⁾, um pequeno disco, também de filigrana, peçazinha esta que aliás conhecemos somente através de um antigo cliché de Martins Sarmento, tendo o original desaparecido do Museu da Sociedade, talvez na ocasião de um roubo ali praticado em 1898.

A cronologia das preciosas arrecadas citanienses fica perfeitamente determinada pela natureza do meio bem caracterizadamente lusitano-romano onde apareceram, pela estrutura e torneado do vaso que as continha, local e nível em que êste se encontrava, e pela técnica do trabalho em filigrana: são, como tôdas as outras arrecadas já conhecidas em Portugal, jóias castrejas dos períodos mais recentes da II Idade do Ferro, portanto dos primeiros séculos anteriores ou posteriores ao início da era cristã. Contam assim à volta de uma vintena de séculos de existência, idade bem respeitável já, que lhes granjeou merecido lugar de honra no Museu de Martins Sarmento, onde hoje figuram ao lado de outras preciosas jóias áureas primitivas, para satisfação e regalo espiritual de estudiosos e apaixonados de civilizações mortas, em tantos aspectos e por tantos motivos bem mais interessantes de que as actuais...

Guimarães, Outubro de 1937.

MÁRIO CARDOZO.

⁽¹³⁾ Vidè «Portugália», vol. cit., pág. 406, fig. 3, pág. 407, fig. 4, pág. 609, fig. 6.

⁽¹⁴⁾ «Revista de Guimarães», vol. XXI, pág. 102.